

VIOLÊNCIAS VIVENCIADAS POR PESSOAS LGBT, IMPACTOS SOCIAIS E PSICOLÓGICOS

NATHALIA ARAUJO FERNANDES¹; VALÉRIA CRISTINA CHRISTELLO COIMBRA²; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA³

¹Acadêmica da FEn - Universidade Federal de Pelotas – nathalia97araujo@gmail.com

²Profa Dra. FEn – Universidade Federal de Pelotas – orientadora – valeriaccoimbra@hotmail.com

³Profa Dra. FEn – Universidade Federal de Pelotas – co-orientadora – mandagara@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A história da intolerância a pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais no ocidente é datada de várias décadas. A LGBTfobia, expressão utilizada para dar visibilidade a ataques derivados do ódio à diferentes diversidades sexuais, vem sendo ainda mais disseminada na atual conjuntura brasileira (BRASIL, 2018 p.8).

A comunidade LGBT possui maior risco ao desenvolvimento de problemas de saúde física e mental em comparação com indivíduos heterossexuais e cisgêneros, visto que os mesmos estão mais suscetíveis ao bullying e a rejeição familiar. Estão mais suscetíveis a violência física e sexual (HADLAND et al, 2016), são mais propensos a terem sua saúde mental afetada por problemas como depressão, ansiedade, transtornos relacionados à imagem corporal, automutilação e suicídio (LUCASSEN et al, 2018 e FLENTJE et al, 2016).

O desenvolvimento dos transtornos está diretamente relacionado ao estigma sofrido por essa população, que na década de 80 foi ainda mais reafirmado no ocidente com a epidemia de HIV/AIDS e a criação do grupo de risco e exclusão social, impulsionado pelo preconceito e desconhecimento (ROGERS et al, 2017; LUCASSEN et al, 2018; HECK et al, 2014).

Atualmente vem sendo estudada a teoria do estresse minoritário, que consiste na associação de vivências estressoras a resultados adversos na saúde física e mental da população LGBT (REISNER et al, 2016).

O estresse minoritário ainda aponta a problemática do uso abusivo de álcool e outras drogas. A rejeição familiar e as violências sofridas são fatores de risco para o uso de substâncias psicoativas – na tentativa de enfrentamento de situações adversas (DEMANTE et al, 2018; LUCASSEN et al, 2017).

A juventude LGBT está no processo de desenvolver sua identidade sexual, em consequência pode se privilegiar de menos apoio dos adultos do que os jovens heterossexuais. Os adultos estão despreparados para apoia-los efetivamente durante esse período de exploração, incerteza e vulnerabilidade (COULTER et al, 2016; HADLAND et al, 2016; GOLDBACH et al, 2017).

Nesse contexto, o uso de substâncias é geralmente considerado um mecanismo de enfrentamento para estressores associados à sua orientação sexual ou identidade de gênero e a falta de suporte, pois são mais sensíveis aos efeitos negativos da discriminação e da rejeição em uma idade que coincide com a idade típica de início do uso de substâncias nocivas (DEMANTE et al, 2018), podendo persistir até a fase adulta (LUCASSEN et al, 2017).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma revisão de literatura relacionado ao projeto científico ainda em desenvolvimento “Necessidades em saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros” coordenado pela Profª Drª Valéria Coimbra. A revisão de literatura foi realizada de forma livre na base de dados LILACS e no google academico, utilizando os descritores violência; LGBT; homofobia; estresse minoritário. Adicionados os filtros: artigos de acesso livre, publicações dos últimos cinco anos e nos idiomas Português, Inglês e Espanhol.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Flentje et al (2016) a população LGBT possui maior predisposição a desenvolver problemas relacionados à saúde física e psicológica. O nome “estresse minoritário” advém da vivência de situações negativas realizadas a uma população foco, nesse caso as minorias sexuais (GONÇALVES; COSTA; LEAL, 2018).

Experiências como bullying, destruição de bens pessoais, vínculos familiares abalados ou inexistentes, violências físicas e sexuais com o intuito “corretivo” são as bases explicativas dos maiores números de casos de depressão, ansiedade e pensamentos suicidas nesse grupo, em relação à população heterossexual cisgênero, fatores de risco para o uso de SPAs como tentativa de enfrentamento das situações expostas (GONÇALVES; COSTA; LEAL, 2018).

Os sofrimentos psicológicos constantes sofridos por essa população tanto nos contextos familiares quanto nos contextos sociais desencadeiam quadros depressivos em média seis vezes mais incidentes, comparado ao resto da população (ALBUQUERQUE, 2016; MIYAMOTO, 2013).

Jovens LGBT expericiam seu processo de desenvolvimento sexual e psicológico de maneira diferente do resto da população. Crianças e adolescentes que expericiam violências como o bullying, desenvolvem problemas de saúde mental e física quando adultos, além de maior predisposição para comportamentos suicidas e uso abusivo de álcool e outras substâncias (HUEBNER et al, 2015; RODRÍGUEZ et al, 2016).

Uma pesquisa feita no Brasil em 102 municípios mostra que mesmo após mais de 40 anos de luta por direitos iguais, dos 2.363 entrevistados 89% declararam-se contra a homossexualidade masculina e 88% contra a homossexualidade feminina. Tais dados estão relacionados a atos homo/trans/lesbofóbicos de violência e crimes hediondos como o de assassinatos, torturas e espancamentos, que em sua maioria possuem requintes de crueldade (VALADÃO; GOMES, 2011).

Além das agressões sofridas, jovens LGBT possuem menos apoio e instrução de adultos que encaram o despreparo no esclarecimento e ajuda nas incertezas e vulnerabilidades desses jovens (COULTER et al, 2016; HADLAND et al, 2016; GOLDBACH et al, 2017).

Em contrapartida jovens LGBT com fatores de proteção bem estruturados possuem maiores dados de bem-estar e qualidade de vida em relação aos que não desfrutam de um ambiente familiar estruturado (EARNSHAW, et al, 2017). Vínculos protetivos também tem se mostrado como fator essencial nos menores índices de uso de substâncias psicoativas (COULTER et al, 2016).

4. CONCLUSÕES

Mesmo com avanços e conquista de alguns direitos básicos, é evidente que as necessidades de saúde e qualidade de vida da população LGBT são negligenciadas pelos serviços de saúde e de segurança. Ainda é possível identificar um déficit na qualidade dos serviços ofertados a essa população, que carece de pesquisas sobre suas necessidades em saúde e de atenção psicossocial de maneira equitativa e integral.

É importante ressaltar o papel fundamental que a família representa no processo de evolução e aceitação desses jovens, sendo o principal fator de proteção a problemas psicológicos, físicos e sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Cidadania. **Violência LGBTfóbicas no Brasil**: dados da violência/ elaboração de Marcos Vinícius Moura Silva – Documento eletrônico – Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018, 79 p.

COULTER, R.W.S.; KESSEL, S.; BEADNELL, B.; O'DONNELL, L. Associations of outside- and within-school adult support on suicidality: Moderating effects of sexual orientation. **Am J Orthopsychiatry**, v. 87, n. 6, p. 671-679, 2016.

DEIMEL, D., STÖVER, H., HÖSELBARTH, S., DICHTL, A., GEBHARDT, V. Drug use and health behaviour among German men who have sex with men: Results of a qualitative, multi-centre study. **Harm reduction journal**, v. 13, n. 1, p. 36, 2016.

RODRÍGUEZ, F. Del C.; CALLE, F. V. En torno al rechazo, la salud mental y la resiliencia en un grupo de jóvenes universitarios gays, lesbianas y bisexuales. **Revista Griot**, v. 6, n. 1, p. 44-65, 2016.

DEMANT, D.; HIDES, L.; WHITE, K.M.; KAVANAGH, D.J. LGBT communities and substance use in Queensland, Australia: Perceptions of young people and community stakeholders. **PLoS One**, v. 13, n. 9, 2018.

DOWSHEN, N.; MEADOWS, R.; BYRNES, M.; HAWKINS, L.; NOONAN, K. Policy Perspective: Ensuring Comprehensive Care and Support for Gender Nonconforming Children and Adolescents. **Transgender health**, v. 1, n. 1, p. 75-85, 2016.

EARNSHAW, V.A.; REISNER, S.L.; JUVONEN, J.; PERROTTI, J.; SCHUSTER, M.A. Bullying LGBTQ: Action in Pediatrics. **Pediatrics**, v. 140, n. 4, 2017.

FLENTJE, A.; LEON, A.; CARRICO, A.; ZHENG, D.; DILLEY, J. Mental and Physical Health among Homeless Sexual and Gender Minorities in a Major Urban US City. **J Urban Health**, v. 93, n. 6, p. 997-1009, 2016.

GOLDBACH, J. T.; SCHRAGER, S. M.; MAMEY, M. R. Criterion and Divergent Validity of the Sexual Minority Adolescent Stress Inventory. **Frontiers in psychology**, v. 8, 2017.

HADLAND, S.E.; YEHIA, B.R.; MAKADON, H.J. Caring for Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Questioning Youth in Inclusive and Affirmative Environments. **Pediatr Clin North Am**, v. 63, n. 6, p. 955-969, 2016.

HECK, N.C.; LIVINGSTON, N.A.; FLENTJE, A.; OOST, K.; STEWART, B.T.; COCHRAN, B.N. Reducing risk for illicit drug use and prescription drug misuse: High school gay-straight alliances and lesbian, gay, bisexual, and transgender youth. **Addict Behav**, v. 39, n. 4, p. 824-828, 2014.

HUEBNER, D.M.; THOMA, B.C.; NEILANDS, T.B. School victimization and substance use among lesbian, gay, bisexual, and transgender adolescents. **Prev Sci**, v. 16, n. 5, p. 734-743, 2015.

LIVINGSTON, N.A.; FLENTJE, A., HECK, N.C.; SZALDA-PETREE, A.; COCHRAN, B.N. Ecological momentary assessment of daily discrimination experiences and nicotine, alcohol, and drug use among sexual and gender minority individuals. **J Consult Clin Psychol**, v. 85, n. 12, p. 1131-1143, 2017.

LUCASSEN, M.; SAMRA, R.; IACOVIDES, I.; FLEMING, T.; SHEPHERD, M.; How LGBT+ Young People Use the Internet in Relation to Their Mental Health and Envisage the Use of e-Therapy. **JMIR serious games**, v. 6, n. 4, 2018.

LUCASSEN, M.; STASIAK, K.; SAMRA, R.; Merry, S. Sexual minority youth and depressive symptoms or depressive disorder. **Australian & New Zealand Journal of Psychiatry**, v. 51, n. 8, p. 774-787, 2017.

REISNER, S. L.; WHITE, M.; GAMAREL, K. E.; KEUROGHIAN, A. Discriminatory experiences associated with posttraumatic stress disorder symptoms among transgender adults. **Journal of counseling psychology**, v.63, n.5, p.509-519, 2017.

ROGERS, A.H.; SEAGER, I.; HAINES, N.; HAHN, H.; ALDAO, A.; AHN W.Y. The Indirect Effect of Emotion Regulation on Minority Stress and Problematic Substance Use in Lesbian, Gay, and Bisexual Individuals. **Front Psychol**, v. 8, 2017.

VALADAO, R. C.; GOMES, R. A homossexualidade feminina no campo da saúde: da invisibilidade à violência. **Rev. Physis**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1451-1467, 2011